

## Ajuste fiscal

# Governo acaba com incentivos na folha

O governo vai rever as desonerações na folha de pagamento da maioria dos setores. Por serem grandes empregadoras, empresas de transportes, comunicação e construção civil não serão afetadas. Além disso, haverá um corte de R\$ 42,1 bilhões no Orçamento. PÁGINA 23

# Retirada de incentivo pode frear reação da economia, dizem analistas

## Ganhos com ajuste fiscal e queda de juros podem amortecer efeitos negativos

LUCIANNE CARNEIRO  
lucianne.carneiro@oglobo.com.br

A volta dos impostos sobre a folha de pagamento que poupou alguns setores pode comprometer a recuperação ainda tímida da economia, após dois anos seguidos de recessão, afirmam especialistas. Principalmente porque a medida está sendo adotada de forma repentina.

— Aumentar impostos neste momento não é adequado. A economia está tentando sair da recessão, e o custo pode ser enfraquecer esse processo. Por enquanto, a economia está piorando mais devagar e os sinais são de estabilização. O PIB só deve crescer em dezembro. Se acabar a desoneração, o risco é fragilizar a estabilização — afirma o

professor da FEA/USP e economista-chefe do Banco Fator, José Francisco de Lima Gonçalves.

Na sua avaliação, o momento escolhido para a decisão de retomar o nível dos impostos sobre a folha de pagamento “é errado”, assim como foi errado no passado o momento da desoneração.

— Lá atrás, o governo reduziu os impostos para evitar que a economia desacelerasse. E ela desacelerou. Agora, que a economia está estabilizando, tentando sair da recessão. Os dois momentos são errados — observa.

### ‘NÃO DÁ PARA TIRAR DE UMA HORA PARA OUTRA’

Professor do Instituto de Economia da **Unicamp**, Francisco Lopreato diz ser a favor da retirada das desonerações, pois os efeitos positivos sobre a economia foram menores que os esperados, mas defende que seja gradual para reduzir o impacto negativo na economia:

— Vai afundar ainda mais a economia? Vai jogar mais um balde de água fria nas empresas? É fácil dar doce para criança, mas é difícil tirar. Is-

so já está incorporado na gestão das companhias. Não dá para tirar de uma hora para outra quando as empresas estão ainda fragilizadas, e a demanda está fraca. O impacto vai ser grande.

Para o professor da **Unicamp**, o dinheiro usado na desoneração tributária — entre 2012 e 2016, a União abriu mão de R\$ 68,7 bilhões — teria sido mais bem empregado em investimentos públicos:

— A desoneração foi adotada quando a economia brasileira já dava sinais de desaceleração. O simples fato de reduzir custos não é suficiente para estimular investimentos. Sem expectativa, o empresário prefere recuperar margem a investir.

Há quem veja que o ajuste fiscal e a própria queda de juros podem funcionar como uma espécie de amortecedor para um eventual impacto negativo na atividade econômica.

Economista-chefe do Banco Safra, Carlos Kawall, é um deles. Ele reconhece que o governo enfrenta um dilema, entre a necessidade de cumprir a meta fiscal e possíveis efeitos na ativi-

dade econômica de mais impostos, mas diz que “alguma elevação de impostos parece inevitável diante da situação fiscal”:

— Ou se aumenta outro imposto ou não se cumpre a meta fiscal. É um dilema que se tem de enfrentar. O risco de não cumprir a meta fiscal desse ano é maior que eventuais efeitos mais negativos na economia.

Um aspecto que deve ser levado em consideração, segundo Kawall, é que há espaço atualmente para novos cortes nas taxas de juros, o que pode ajudar a compensar impactos negativos na economia.

— Seria ótimo se não precisasse retomar a carga tributária a um nível em que já esteve, mas a situação fiscal não permite isso — diz o economista-chefe do Banco Safra.

Kawall defende que o fim da desoneração tributária seja feito de uma só vez. Um movimento gradual, diz ele, não permitiria um ganho na arrecadação suficiente e colocaria em risco o cumprimento da meta fiscal. ●